



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA APARECIDA GOMES DE OLIVEIRA SOUSA

**A IDEIA DE LITERATURA LATINOAMERICANAS EM *HOMENS E COISAS*
ESTRANGEIRAS, DE JOSÉ VERÍSSIMO**

Colinas
2025

MARIA APARECIDA GOMES DE OLIVEIRA SOUSA

**A IDEIA DE LITERATURA LATINOAMERICANAS EM *HOMENS E COISAS*
ESTRANGEIRAS, DE JOSÉ VERÍSSIMO**

Artigo apresentado ao Curso de Letras -
Licenciatura em Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, da
Universidade Estadual do Maranhão, como pré-
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia

FICHA CATALOGÁFICA

Sousa, Maria Aparecida Gomes de Oliveira.

A ideia de literatura latino-americanas em Homens e coisas estrangeiras, de José Veríssimo / Maria Aparecida Gomes de Oliveira Sousa. - Colinas - MA, 2025.

31 f.

Artigo Científico (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia.

1. José Veríssimo. 2. Literatura. 3. Latino-americana. I. Título.

CDU: 821.134.3(81).09

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

MARIA APARECIDA GOMES DE OLIVEIRA SOUSA

**A IDEIA DE LITERATURA LATINOAMERICANAS EM *HOMENS E COISAS*
ESTRANGEIRAS, DE JOSÉ VERÍSSIMO**

Aprovado em: 23/12/2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

IZENETE NOBRE GARCIA

Data: 08/01/2026 10:27:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão/Campus Zé Doca



Documento assinado digitalmente

ALESSANDRA GREYCE GAIA PAMPLONA

Data: 08/01/2026 20:53:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alessandra Greyce Gaia Pamplona (Membro)
Instituto Federal de Educação do Pará/Campus Belém



Documento assinado digitalmente

SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA

Data: 19/01/2026 09:02:58-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Shirley Laianne Medeiros da Silva (Membro)
Universidade Federal do Pará/Campus Guamá

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pela força, sabedoria e oportunidade de concluir esta etapa de minha trajetória acadêmica.

À minha família, especialmente à minha mãe, Maria Gomes de Oliveira Souza, pelo amor, incentivo e apoio incondicional ao longo de todo o percurso.

Às minhas maiores inspirações, meus filhos Lorrany Vitória de Souza Silva Gomes e José Wellington de Souza Silva Gomes, por serem minha motivação diária.

Ao meu esposo, Wellington de Souza Silva, pela paciência, compreensão e companheirismo em todos os momentos.

Agradeço à minha irmã Sandra Maria Gomes e a todos os amigos que, de alguma forma, estiveram ao meu lado, oferecendo suporte e incentivo durante essa jornada.

Por fim, expresso minha gratidão especial à minha orientadora, doutora Izenete Nobre Garcia, pela dedicação, paciência e orientação fundamentais para a realização deste trabalho, contribuindo para minha formação como profissional e pessoa.

Também sou grata à minha comadre Daiane Vieira, por seu constante apoio e incentivo.

RESUMO: A obra de José Veríssimo, crítico literário e intelectual brasileiro do final do século XIX e início do XX, representa um marco fundamental para a crítica e a história da literatura nacional. Reconhecido por Arthur Motta e outros estudiosos, Veríssimo destacou-se pela metodologia rigorosa e por uma visão crítica que buscava a formação de uma literatura autenticamente brasileira. Sua produção abrange não só a crítica e história literária, mas também temas como Amazônia, educação e cultura latino-americana, refletindo sua complexidade intelectual. Veríssimo mantém um diálogo equilibrado com influências estrangeiras, empregando-as para investigar as particularidades brasileiras e latino-americanas. Em obras como *Homens e coisas estrangeiras*, ele defende a modernização do Brasil baseada em experiências internacionais, enfatizando o desenvolvimento intelectual e moral como condição para o progresso. Sua análise contribui para o entendimento sobre as literaturas latino-americanas, realçando as tensões entre identidade cultural local e elementos estrangeiros, além de oferecer reflexões relevantes para a construção identitária literária contemporânea.

Palavras-chave: José Veríssimo, literatura latino-americana

ABSTRACT: The work of José Veríssimo, a Brazilian literary critic and intellectual of the late 19th and early 20th centuries, represents a fundamental landmark for the criticism and history of national literature. Recognized by Arthur Motta and other scholars, Veríssimo stood out for his rigorous methodology and a critical vision that sought the formation of an authentically Brazilian literature. His production encompasses not only literary criticism and history, but also themes such as the Amazon, education, and Latin American culture, reflecting his intellectual complexity. Veríssimo maintains a balanced dialogue with foreign influences, employing them to investigate Brazilian and Latin American particularities. In works such as *Homens e coisas estrangeiras* (Foreign Men and Things), he defends the modernization of Brazil based on international experiences, emphasizing intellectual and moral development as a condition for progress. His analysis contributes to the understanding of Latin American literatures, highlighting the tensions between local cultural identity and foreign elements, as well as offering relevant reflections for the construction of contemporary literary identity.

Keywords: José Veríssimo, Latin American Literature

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	2
2 JOSÉ VERÍSSIMO: CRÍTICO LITERÁRIO E ENSAÍSTA.....	7
3 <i>HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS</i> E A FORMAÇÃO DE UMA LITERATURA LATINO-AMERICANA.....	11
3.1. Literatura e formação da identidade nacional.....	11
3.2. Regeneração da América Latina e autonomia cultural.....	13
3.3. Como deve ser a literatura latino-americana?	16
3.4. Letras argentinas: critérios de avaliação e modelo relativo de sucesso	18
3.5. Letras venezuelanas: entre influência e autenticidade.....	19
4 CONCLUSÃO.....	22
5 REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

A obra de José Veríssimo¹ tem sido objeto de estudo em importantes publicações acadêmicas. Arthur Motta, em seu perfil publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1930, analisou a trajetória intelectual do fundador da cadeira nº 18, destacando que, embora *Cenas da vida amazônica* demonstrasse qualidades ficcionais, a verdadeira vocação de Veríssimo manifestava-se na crítica literária. Segundo Motta, os seis volumes de *Estudos de literatura brasileira* (1901-1907) representam o ápice de sua produção, revelando não apenas o amadurecimento de seu juízo estético, mas também a consolidação de seu projeto de interpretação da nacionalidade brasileira. (Viana, 2005, p. 8)

Ainda, conforme Viana (2005), Veríssimo se destacou por desenvolver uma abordagem crítica singular e autêntica, marcada por metodologia própria fundamentada na observação rigorosa e na interpretação dos fenômenos literários. Seu pensamento, considerado avançado para a época, tinha como objetivo contribuir significativamente para o desenvolvimento sociocultural brasileiro. Para ele, a comparação entre os estudos críticos de Silvio Romero² e José Veríssimo revela divergências significativas em seus projetos de história literária e métodos críticos. Embora ambos tenham partilhado, inicialmente, os pressupostos do Naturalismo, Veríssimo evoluiu para uma crítica impressionista, enquanto Romero manteve-se fiel à abordagem sociológica. Quando da publicação da segunda edição da *História da literatura brasileira*, de Romero, em 1902, Veríssimo reconheceu o mérito da obra como marco literário, mas questionou aspectos como a periodização adotada, a falta de neutralidade e os critérios para estabelecer as origens da Literatura Nacional. (Viana, 2005, p. 7)

A crítica literária brasileira do período de transição entre os séculos XIX e XX muitas vezes negligenciou a amplitude enciclopédica da produção de Veríssimo. Para além de seus trabalhos de crítica e história literária, o autor manteve constante interesse por temas como a Amazônia (sua região de origem), a educação como instrumento de transformação social e a

¹ José Veríssimo (1857-1916) foi um escritor, educador, jornalista, crítico e historiador da literatura brasileira. Conservador e observador de inovações. Fez oposição à crítica sociológico-filosófica de Silvio Romero, e preferiu analisar as obras literárias por critérios estéticos, percebendo a grandeza de Machado de Assis. José Veríssimo Dias de Matos nasceu em Óbidos, Pará, no dia 8 de abril de 1857. Era filho de José Veríssimo de Matos e de Ana Flora de Matos. Fez seus primeiros estudos em Belém e em 1869 foi para o Rio de Janeiro. Estudou na Escola Central, hoje Escola Politécnica. Em 1876 regressou ao Pará e fixou-se em Belém, onde se dedicou à crítica, ao jornalismo e ao ensino. Foi colaborador do jornal *Liberal do Pará*. Em 1878, publicou seu primeiro livro *Primeiras Páginas*. Em 1880 esteve Lisboa, onde participou do Congresso Literário Internacional, defendendo os escritores brasileiros, que estavam sendo acusados de plagiadores. Em 1883, fundou e dirigiu a *Revista Amazônica* e o Colégio Americano. Em 1889, ele retornou para a Europa, quando divulgou sua tese intitulada *O Homem de Marajó e a Antiga Civilização Amazônica* no X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica. (Viana, 2005)

² Silvio Romero foi um dos três grandes críticos do final do século XIX.

cultura latino-americana (Viana, 2005, p. 17). Essa diversidade temática revela duas dimensões importantes: primeiro, mostra um intelectual muito mais complexo do que a imagem convencional do crítico literário; segundo seus escritos funcionam como valioso registro das correntes intelectuais e aspirações culturais do Brasil de seu tempo.

Na introdução de sua História da literatura brasileira, Veríssimo estabelece com clareza seus critérios para definir a nacionalidade literária: a expressão de um pensamento e sensibilidade distintamente brasileiros, mesmo quando articulados na língua portuguesa (Viana, 2005, p. 27). Essa perspectiva revela sua compreensão da literatura como manifestação artística capaz de expressar a singularidade cultural de um povo, superando a mera reprodução de modelos europeus.

O papel dos intelectuais na redefinição da literatura e das artes no contexto da formação nacional transferiu-se progressivamente para os periódicos e livros, transformando esses espaços em fóruns de debate sobre educação e desenvolvimento cultural. A obra de Veríssimo representa não apenas um esforço de mapeamento da produção literária nacional, mas também a elaboração de um método crítico abrangente, que reflete sobre a função do intelectual na sociedade (Candido *apud* Viana, 2005, p. 12).

Antônio Candido (2000, p. 101) observa que a evolução da vida espiritual brasileira se caracteriza pela tensão dialética entre localismo e cosmopolitismo, manifestando-se ora no nacionalismo literário radical, ora na adoção consciente de padrões europeus. Esse contexto histórico explica a importância da literatura como instrumento de afirmação identitária em um período marcado por diversas formas de opressão cultural.

Embora Veríssimo dialogasse intensamente com autores e ideias estrangeiras, sua crítica mantém caráter distintamente brasileiro. A abrangência de temas e autores abordados em sua obra testemunha tanto a extensão de suas leituras quanto a profundidade de suas reflexões (Veríssimo, 1910, p. 18-19). Essa capacidade de assimilar influências externas sem perder de vista as particularidades nacionais confere singularidade e valor permanente a sua produção intelectual.

A escolha do tema foi motivada pela importância de compreender como se constrói a ideia de literatura na visão de José Veríssimo, um dos principais intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do século XX. Atuando como crítico literário, professor, jornalista e ensaísta, ele desempenhou papel fundamental na consolidação da crítica literária no Brasil. Nascido no Pará, sua trajetória foi marcada pelo interesse em discutir os rumos da cultura nacional, da educação e da literatura.

Veríssimo contribuiu significativamente para o desenvolvimento do pensamento literário e cultural do país, buscando estabelecer padrões críticos que ajudassem a formar uma literatura autenticamente brasileira. Sua obra *Homens e coisas estrangeiras*, escrita entre 1899 e 1908, oferece um panorama para reflexão sobre as literaturas latino-americanas e suas complexas relações com o estrangeiro.

Nessa mesma obra, o autor examina modelos estrangeiros de educação, defendendo a modernização do sistema educacional brasileiro com base em experiências internacionais e criticando o atraso educacional do país. Ao analisar "os outros", ele acaba por avaliar a "nós" mesmos, nosso território, suas carências, desafios e potenciais. A obra é um exemplo do pensamento crítico de Veríssimo e de sua crença no papel da literatura e da educação como motores do desenvolvimento nacional.

Embora observe atentamente essas sociedades estrangeiras, o autor não as idealiza: sua análise é marcada por equilíbrio, lucidez e postura críticas diante das desigualdades e contradições presentes nos países ditos "civilizados". Um dos aspectos mais relevantes de seu trabalho é a forma como utiliza essa comparação para evidenciar as deficiências estruturais de um território a outro, pois entendia o progresso como algo inatingível sem o desenvolvimento intelectual e moral da população.

Assim, *Homens e coisas estrangeiras* representa um trabalho de maturidade intelectual no qual José Veríssimo articula o pensamento crítico sobre o Brasil. O presente trabalho busca investigar como a obra de Veríssimo articula a ideia de literaturas latino-americanas, explorando o lugar ocupado pelo Brasil nessa dinâmica latino-americana.

A compreensão de suas análises permite não apenas recuperar um pensamento crítico fundamental para a literatura do período, mas também oferecer contribuições relevantes para o problema central desta investigação: como se constitui a ideia de literaturas latino-americanas diante da presença do elemento estrangeiro.

O embasamento teórico deste estudo possibilita uma abordagem crítica capaz de dialogar com os desafios contemporâneos da construção identitária na literatura regional. Desse modo, espera-se que a pesquisa não apenas enriqueça o debate acadêmico, mas também contribua para uma reflexão mais abrangente sobre os processos de formação cultural e literária na América Latina.

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com o objetivo de analisar e interpretar os conceitos e argumentos presentes na obra de José Veríssimo, em *Homens e coisas estrangeiras*. A pesquisa contextualizou histórica e culturalmente esses elementos para compreender a construção da ideia de literaturas latino-americanas em sua perspectiva crítica.

A metodologia compreendeu pesquisa bibliográfica, utilizando como fontes artigos acadêmicos, monografias e teses disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), além de obras fundamentais de teoria literária e história da literatura.

Após a fase de levantamento e organização do material, procedeu-se a análise crítica dos textos verissimianos, estabelecendo diálogos com os estudos teóricos sobre literaturas latino-americanas. Essa abordagem permitiu examinar como Veríssimo articulou suas reflexões sobre a identidade literária do continente, considerando tanto as influências estrangeiras quanto as particularidades regionais.

A organização deste trabalho segue uma progressão que acompanha, de modo articulado, a construção do pensamento crítico de José Veríssimo e sua interpretação sobre a formação das literaturas latino-americanas. A primeira parte do texto apresenta o tema da pesquisa, sua delimitação e relevância para os estudos literários, além de explicitar os objetivos que orientam toda a investigação: contextualizar o pensamento de Veríssimo no ambiente intelectual brasileiro, identificar como ele compreende a constituição das literaturas latino-americanas, reconhecer os critérios que mobiliza para avaliar a formação de uma literatura nacional e examinar suas percepções sobre as influências estrangeiras. Nesse primeiro momento, o leitor encontra também a definição do corpus e a metodologia adotada.

No item dois, volta-se à contextualização histórica e intelectual de José Veríssimo. Nele, busca-se situar sua trajetória como crítico literário e ensaísta, inserido em um período marcado pela institucionalização da crítica no Brasil e pelo debate sobre a construção de uma literatura nacional. Essa parte do texto cumpre o objetivo de apresentar o ambiente cultural que informa seu pensamento, destacando sua atuação na imprensa, sua participação em debates públicos e sua concepção de literatura como instrumento de formação intelectual e nacional.

O terceiro trata diretamente da obra *Homens e Coisas Estrangeiras*, examinando sua estrutura, os temas que organiza e o lugar que ocupa na produção do autor. Ao introduzir o conjunto dos ensaios que compõem o livro, este capítulo permite compreender como Veríssimo articula reflexões sobre Brasil, América Latina, Estados Unidos e Europa, compondo uma visão comparativa do desenvolvimento das literaturas do continente. A partir dessa leitura, torna-se possível identificar as linhas gerais de seu projeto crítico, especialmente no que se refere à análise da circulação de ideias, à recepção literária e à formação de identidades culturais.

Ainda no terceiro tópico, dedica-se à análise dos ensaios que tratam das literaturas hispano-americanas. Por meio da leitura de “Letras Hispano-americanas”, “Letras argentinas” e “Letras venezuelanas”, o texto discute como Veríssimo entende o processo de construção das literaturas do continente, marcado por tensões entre dependência cultural e busca de autonomia.

Nesse espaço, o leitor encontra a interpretação de Veríssimo sobre a diversidade estética, as assimetrias institucionais, as dificuldades de circulação e as possibilidades de consolidação literária em diferentes países, o que permite compreender como ele articula a ideia de um projeto latino-americano amplo e ainda em formação.

A estrutura do trabalho, organizada dessa forma, permite acompanhar a evolução do pensamento de José Veríssimo, sempre em relação aos objetivos propostos, oferecendo ao leitor um percurso contínuo entre contexto intelectual, análise da obra, sistematização crítica e interpretação das tensões que marcam sua leitura das literaturas latino-americanas.

2 JOSÉ VERÍSSIMO: CRÍTICO LITERÁRIO E ENSAÍSTA

Na seção, propõe-se uma contextualização do pensamento de José Veríssimo, situando sua produção crítica no cenário intelectual brasileiro do final do século XIX e início do XX. Discute-se seu papel como crítico literário e ensaísta, destacando sua contribuição para a construção do pensamento literário nacional, especialmente em relação à formação da literatura latino-americana. A análise se concentra na publicação de *Homens e Coisas Estrangeiras*, obra que, lançada em 1899, reflete as inquietações do autor sobre o papel da literatura no processo de modernização e na busca por uma identidade literária própria, em um contexto de forte influência das literaturas europeias.

O livro será examinado como uma importante manifestação do pensamento crítico de Veríssimo, que, ao longo de sua produção, procurou conciliar a valorização da literatura nacional com o diálogo necessário com as correntes literárias estrangeiras, em um momento em que o Brasil ainda se consolidava como nação independente, mas imerso em intensas trocas culturais e intelectuais com o exterior.

José Veríssimo, crítico e ensaísta atuante no final do século XIX e início do XX, figura entre os principais responsáveis pela consolidação da crítica literária no Brasil. Sua intervenção intelectual ocorre em um momento em que o país buscava organizar seus discursos sobre literatura, cultura e identidade nacional, articulando a produção estética às condições históricas e sociais de sua formação.

Como observa Antonio Candido (2000), a crítica desse período emerge em estreita relação com os projetos de construção da nacionalidade, e Veríssimo se insere nesse movimento ao compreender a literatura como uma prática social capaz de expressar e organizar a vida intelectual do país. Em suas análises, atribui à crítica a função de hierarquizar as produções literárias conforme critérios estéticos e culturais, contribuindo para a configuração de um campo intelectual mais estruturado.

Além de crítico, Veríssimo foi ativo no jornalismo e na atividade educacional, escrevendo sistematicamente sobre literatura, ensino, política cultural e formação intelectual. A centralidade de sua figura no debate literário da época pode ser observada no testemunho de Arthur Motta (1930), que destaca o modo como a imagem do crítico literário se tornou eixo interpretativo das leituras sobre sua obra: “fosse para elogiá-lo, fosse para detrá-lo, houve a preocupação de demarcar a gênese e estabelecer a missão do ‘Sr. Crítico’”. Motta ressalta ainda que essa ênfase sobre sua atuação crítica relegou a segundo plano outros aspectos de sua obra, como seus escritos sobre a Amazônia e sua reflexão pedagógica. Nesse sentido, a biografia *José*

Veríssimo: sua vida e suas obras, de Francisco Prisco (1937), desempenhou papel decisivo ao iluminar elementos de sua trajetória intelectual que auxiliam a compreensão de sua produção crítica.

A produção crítica de Veríssimo se desenvolve no último quartel do século XIX, em diálogo constante com transformações estéticas e teóricas tanto no Brasil quanto na Europa. Alfredo Bosi (1992) observa que a segunda metade do oitocentos brasileiro é marcada por tensões entre modelos herdados e demandas de modernização, o que se reflete em diferentes concepções de literatura e de crítica.

A inserção de Veríssimo no último quartel do século XIX coincide com transformações significativas do ambiente literário brasileiro e europeu. O Naturalismo ainda exercia influência, mas novas tendências, como o impressionismo crítico francês, começavam a marcar presença. Críticos como Anatole France e Ferdinand Brunetière compunham o horizonte de leitura de Veríssimo, que buscava atualizar o debate literário brasileiro a partir do contato com modelos estrangeiros, ao mesmo tempo em que insistia na necessidade de formar critérios próprios de avaliação. Silvio Romero, seu contemporâneo e por vezes antagonista, também representa esse esforço de modernização da crítica, embora por vias distintas. Nessa conjuntura, a atuação de Veríssimo expressa a tentativa de conciliar influências estrangeiras com as demandas de interpretação da realidade cultural brasileira.

É nesse panorama que se insere *Homens e Coisas Estrangeiras*, publicado inicialmente em 1899, obra que reúne ensaios dedicados a examinar a literatura, a cultura e a vida intelectual das Américas em diálogo com os grandes centros europeus. O livro ocupa posição estratégica na obra do autor, pois sistematiza suas reflexões sobre identidade cultural, circulação literária e relações assimétricas entre América Latina, Europa e Estados Unidos. Veríssimo discute temas como mestiçagem, formação de uma literatura nacional e resistência às pressões culturais externas, especialmente àquelas associadas ao imperialismo norte-americano. Sua análise revela preocupação com a autonomia intelectual do continente e com a necessidade de reconhecer a diversidade cultural como elemento constitutivo das sociedades latino-americanas. Nesse sentido, aproxima-se do que Darcy Ribeiro (1995) viria a chamar de “processos de formação das novas sociedades americanas”, ainda que Veríssimo opere dentro das categorias e limitações de seu tempo.

Em sua apresentação à reedição de *Homens e Coisas Estrangeiras* (2003), João Alexandre Barbosa sublinha a centralidade da obra no conjunto da produção crítica de José Veríssimo, situando-a, ao lado dos *Estudos de Literatura Brasileira*, como expressão do momento mais significativo de sua reflexão (Barbosa *apud* Veríssimo, 2003, p. 13). Essa

afirmação ressalta o caráter sistemático do projeto intelectual de Veríssimo, para quem a atividade crítica era indissociável de uma intervenção cultural mais ampla. Sua atuação, enraizada no jornalismo e nas revistas de sua época, não se limitava à mera resenha ou divulgação, constituía um esforço pedagógico e formativo voltado para a constituição de um público letrado e para a reflexão sobre os rumos da cultura nacional.

Conforme apontado na introdução da própria obra, a reunião desses ensaios consagrou Veríssimo como uma liderança crítica durante a Belle Époque brasileira (Barbosa *apud* Veríssimo, 2003, p. 15). Sua autoridade derivava de um método analítico preciso, que transcendia o comentário circunstancial para erigir-se em verdadeira investigação de problemas culturais de fundo. Um exemplo emblemático encontra-se no primeiro ensaio do volume, no qual a análise da *Vida do Duque de Palmela*, de Maria Amália Vaz de Carvalho, serve como ponto de partida para um debate metodológico. Veríssimo contrapõe a abordagem da biógrafa à do historiador Oliveira Martins, avaliando criticamente os limites e as premissas de cada uma. Desse exercício comparativo, ele extrai uma reflexão autônoma sobre o assunto, demonstrando como seu texto se desloca do objeto imediato para alcançar questões de escopo mais geral.

Esse procedimento é característico de sua prática crítica. Partindo de obras específicas, Veríssimo ultrapassa sistematicamente os limites da resenha, utilizando o texto em análise como vetor para discutir problemas de método, de tradição literária e de identidade cultural. Essa dialética entre o particular e o geral é o mecanismo que confere densidade e perenidade aos seus ensaios. Nesse movimento, sua crítica não se resume a julgar influências estrangeiras, mas a investigar como elas são processadas, tensionadas e, por vezes, resistidas no processo de formação de uma literatura brasileira. Desse modo, Veríssimo consolida-se não apenas como um comentador da cena literária, mas como um pensador da cultura, cuja obra permanece como um marco para a compreensão dos dilemas da modernidade periférica.

Márcio Roberto de Carvalho (2015) destaca que Veríssimo ocupa lugar central na crítica literária brasileira da virada do século, pois articula análise literária, história cultural e projeto educacional em torno de uma mesma questão: a formação de uma consciência crítica sobre a literatura e a identidade nacional. Suas publicações, tanto na imprensa quanto em livros, contribuíram para organizar o debate sobre a literatura brasileira em sentido moderno, inserindo-o no circuito transatlântico de ideias e consolidando parâmetros de avaliação estética que ainda repercutem na historiografia literária contemporânea.

Suas reflexões contribuíram para estruturar parâmetros de avaliação e interpretação da literatura nacional, ao mesmo tempo em que se abriam para a compreensão das literaturas latino-americanas como parte de um processo continental de formação cultural. Nesse sentido,

sua obra ajuda a delinear um quadro de referências que permite compreender a literatura não apenas como manifestação estética individual, mas como parte de um sistema cultural em constante transformação, em sintonia com o que Candido (2000) descreve como o surgimento de um “sistema literário” no Brasil.

3 HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS E A FORMAÇÃO DE UMA LITERATURA LATINO-AMERICANA

Esta seção analisa a obra *Homens e Coisas Estrangeiras*, de José Veríssimo, com foco em sua interpretação do processo de formação das literaturas latino-americanas. A abordagem se concentra na identificação dos parâmetros críticos mobilizados pelo autor para pensar a constituição de uma literatura nacional, tomando como corpus um conjunto de ensaios específicos: “Letras Hispano-americanas”, “Letras argentinas”, “Letras venezuelanas”, “Um americano e a Literatura americana”, “A regeneração da América Latina” e “A vida literária nos Estados Unidos”.

A seleção desses textos permite compreender o pensamento de Veríssimo em duas frentes articuladas: por um lado, a análise interna da diversidade das letras hispano-americanas; por outro, a reflexão sobre as relações culturais entre a América Latina e os Estados Unidos. Os critérios de leitura são examinados à luz de dois eixos: a exigência de autenticidade local e a assimilação de modelos culturais e literários externos.

A investigação organiza as percepções críticas do ensaísta sobre a natureza e os efeitos das influências estrangeiras, examinando como ele compreende seu papel simultaneamente como fator de modernização e como possível obstáculo à afirmação de uma identidade literária própria no continente. Desse modo, a discussão nesse item contribui para a compreensão do pensamento crítico verissimiano como um dos marcos reflexivos dos dilemas da autonomia cultural na América Latina.

3.1. Literatura e formação da identidade nacional

A leitura de “Um americano e a literatura americana”, em *Homens e Coisas Estrangeiras*, destaca a crítica de Veríssimo à ignorância recíproca entre as literaturas do continente, em especial entre Brasil e Estados Unidos. O autor observa que os brasileiros conhecem muito pouco a produção literária dos demais países americanos, inclusive a norte-americana. Essa ignorância, porém, é mútua: do lado norte-americano, também há desconhecimento das literaturas latino-americanas, incluindo a brasileira.

Para Veríssimo, essa situação resulta da falta de interesse intelectual e da ausência de vínculos efetivos de troca cultural entre as nações, apesar de partilharem origens históricas e culturais. Mesmo com afinidades de língua (no caso hispano-americano), religião, raça e experiência colonial, não se formou uma corrente de simpatia ou de interesse intelectual

consistente entre os países das Américas. Assim, o conhecimento europeu continua a prevalecer sobre o interamericano, reforçando, entre os intelectuais brasileiros, uma identidade cultural mais europeizada que propriamente americana.

Nesse contexto, a literatura aparece como um dos espaços em que se revela a assimetria das relações culturais: enquanto o olhar se volta preferencialmente para a Europa, as produções americanas permanecem, em grande parte, à margem dos circuitos de legitimação e de leitura, o que repercute na construção de cânones e de tradições nacionais.

No texto “A vida literária nos Estados Unidos”, Veríssimo formula uma concepção de literatura diretamente vinculada à identidade nacional. Para ele, a literatura é uma “definição espontânea da gente que a fez” (2003, p. 107), isto é, uma expressão indutiva da nacionalidade e um estímulo à formação de uma identidade coletiva. A obra literária não se limita a ser um registro de experiências; ela atua como espaço de elaboração da consciência de um povo, articulando sentimentos, conflitos, derrotas, conquistas e acontecimentos históricos. No entanto, o autor lamenta que as literaturas americanas, inclusive a norte-americana, ainda careçam de profundidade, originalidade e força emocional, configurando-se muitas vezes como reflexos da cultura europeia.

O ensaio cita Hamilton W. Mabie, que critica a literatura dos Estados Unidos por sua superficialidade e por evitar grandes paixões e emoções profundas. Mabie argumenta que, embora elegante e agradável, essa literatura não possui vigor, unidade e densidade suficientes, sendo “subsidiária” e não verdadeiramente “representativa” do povo e da nação.

Segundo Mabie, retomado por Veríssimo, a literatura norte-americana não reflete de modo integral a experiência vital do povo, tampouco promove o desenvolvimento de uma consciência nacional coesa. Ao comentar essa crítica, Veríssimo destaca que o vasto território dos Estados Unidos, com centros industriais e sociais distantes, dificulta a formação de uma unidade cultural, diferentemente do que ocorre com a Inglaterra, onde a comunicação e o fluxo de ideias são mais rápidos e constantes.

A literatura, nesse quadro, é concebida como uma força potencialmente unificadora, capaz de revelar e formar o caráter nacional, superando divisões regionais e promovendo solidariedade espiritual. Para cumprir essa função, precisa refletir a experiência vital e as emoções profundas do povo, tornando-se expressão dominante da vida nacional. O desconhecimento recíproco entre as literaturas americanas é interpretado, assim, como efeito de fatores históricos, culturais e intelectuais, ao mesmo tempo que reforça a importância da literatura na formação da identidade nacional e na superação das fragmentações internas.

3.2. Regeneração da América Latina e autonomia cultural

Na reflexão de Veríssimo, realizada no texto “A regeneração da América Latina”, a regeneração passaria pela valorização da cultura e da educação, bem como pela construção de uma identidade capaz de resistir à dominação estrangeira. A literatura tem papel fundamental nesse processo, funcionando como força unificadora e expressão da consciência nacional. Para o crítico, ela deve atuar como instrumento de formação de cidadãos, de fortalecimento da identidade latino-americana e de promoção da solidariedade entre os povos do continente.

Essa perspectiva configura uma visão crítica da construção das literaturas latino-americanas. Veríssimo valoriza a autonomia cultural, mas reconhece a importância do diálogo com modelos estrangeiros. Sua crítica opera por meio de um duplo movimento: de um lado, reconhece e valoriza processos de intercâmbio cultural como vetores de modernização e visibilidade; de outro, identifica os riscos de dependência e perda de autonomia que esse intercâmbio pode gerar.

Desse modo, a formação literária na América Latina é vista como campo de forças entre a assimilação de modelos externos e a busca de uma expressão autêntica. Assim, o projeto que se desenha é o de uma literatura capaz de dialogar com a cultura universal sem abdicar de sua ancoragem histórica, social e simbólica local.

Veríssimo concebe a literatura latino-americana, em particular a brasileira, como parte de um sistema relacional complexo. A “influência cultural mútua” e a “expansão de traduções” são avaliadas positivamente como mecanismos que podem fomentar um diálogo enriquecedor e inserir a produção local em circuitos internacionais. Ao mesmo tempo, ele demonstra consciência das assimetrias desse diálogo.

A “ignorância recíproca” e a “superficialidade na recepção” por parte do público e da crítica norte-americana revelam uma relação desequilibrada, na qual a literatura latino-americana é frequentemente lida por meio de lentes redutoras: seja para confirmar estereótipos exortizantes, seja por sua suposta “acessibilidade” em detrimento de sua “profundidade literária” (Veríssimo, 2003, p. 469). Tal diagnóstico antecipa questões que, mais tarde, se tornariam centrais nos estudos pós-coloniais e historiográficos, como a construção do “Outro” pelo olhar hegemônico e as dificuldades de circulação de obras fora de cânones preestabelecidos.³

³ Sobre esse assunto os autores Pascale Casanova (2002) e Edward Said (2007) tratam, respectivamente, em seus estudos críticos, sobre a dificuldade de circulação fora do cânone literários mundiais, e sobre a construção do “Outro” pelo olhar hegemônico.

O cerne da crítica verissimiana, no entanto, localiza-se na problemática da identidade. Ao apontar a “dependência cultural europeia” como obstáculo, Veríssimo identifica um dilema fundamental das literaturas do continente: a dificuldade de afirmação para além de seu território. Sua observação sobre a “falta de unidade cultural” e o caráter “fragmentado” da produção literária norte-americana (e, por extensão, latino-americana) indica os desafios de forjar uma consciência nacional e uma tradição literária coerentes em sociedades marcadas por vastidão territorial, diversidade interna e passado colonial.

Para o crítico, a maturidade literária depende da superação de uma dupla invisibilidade: em relação à Europa, de quem se é dependente, e em relação a outros polos culturais, como os Estados Unidos, diante dos quais se permanece ignorado ou mal compreendido. A literatura latino-americana, nesse contexto, aparece como projeto em curso, dotado de potencial de afirmação, embora não circule amplamente.

A partir desses elementos, Veríssimo estabelece uma visão da literatura latino-americana como projeto inacabado. Seus critérios de avaliação equilibram potencialidades (cooperação, divulgação, valorização) e problemas estruturais (preconceito, fragmentação, dependência), delineando uma teoria crítica embrionária que não pretende negar o contato com o estrangeiro, mas exige que esse contato se dê em termos de reciprocidade.

Sua obra pode ser lida como esforço pioneiro para pensar a autonomia literária não como isolamento, mas como capacidade de dialogar com o universal a partir de uma voz própria, reconhecível e legítima, buscando superar a condição periférica e a “invisibilidade” impostas por um sistema cultural internacional hierarquizado.

Ao discutir os poetas norte-americanos, Veríssimo (2003, p. 107) observa que, para o público brasileiro, nomes como Bryant, Longfellow e Lowell possuem pouca ressonância, embora sejam considerados autores centrais em seu próprio país. Quando um escritor como Edgar Allan Poe passa a ser reconhecido no Brasil, esse conhecimento, em geral, é mediado pela recepção francesa, como no caso das traduções de Baudelaire. Esse fato confirma a predominância dos circuitos culturais europeus, principalmente franceses, na difusão literária e evidencia, mais uma vez, a fragilidade do intercâmbio direto entre os países das Américas.

No que diz respeito aos meios de divulgação, Veríssimo (2003, p. 113) contrasta o cenário norte-americano com a realidade latino-americana. Descreve o sistema de revistas dos Estados Unidos como profissionalizado e qualificado, com escritores que dominam uma escrita clara e correta, sob supervisão editorial criteriosa. Em alguns casos, a preocupação com a qualidade literária leva editores a valorizarem a aprovação de um pequeno grupo de leitores ingleses em vez do grande público local. Essa observação aponta a existência de uma esfera

pública letrada e de padrões editoriais consolidados,⁴ elementos que Veríssimo não identifica na mesma escala na América Latina.

Ao tratar da formação da opinião pública nos países hispano-americanos, Veríssimo (2003, p. 245) manifesta ceticismo quanto à sua existência. Menciona a emergência de movimentos voltados para a afirmação nacional e étnica, mas questiona se há, de fato, uma opinião pública estruturada. Seu ceticismo baseia-se na análise da composição social dessas nações: a maioria da população é descrita como analfabeta, miserável e distante dos debates cívicos, condição que a torna vulnerável à manipulação pelos “politicantes”.

Essa caracterização, marcada pelos termos de seu tempo, aponta a exclusão social como obstáculo à constituição e consolidação de projetos nacionais. Nesse quadro, a literatura assume função relevante, pois pode atuar como mediadora simbólica entre diferentes segmentos sociais e como instrumento de expansão da consciência crítica.

No texto “Literaturas hispano-americanas”, o escritor paraense apresenta indagações sobre o conhecimento das literaturas do continente, ressaltando que é possível conhecer um determinado lugar por meio de revistas e jornais, já que as letras hispano-americanas são constituídas por um conjunto diversificado de obras. O acesso a esse repertório depende de leituras e estudos, mas Veríssimo chama atenção para a distância entre os “homens de letras” e para a persistência do preconceito em relação aos países vizinhos, o que dificulta circulação e conhecimento do que é produzido no continente americano.

De acordo com Veríssimo (2003, p. 470), o valor estético e emocional dessas literaturas ultrapassa o interesse circunstancial por culturas geograficamente próximas. Sua relevância reside no fato de emergirem de povos que compartilham trajetórias históricas comuns e processos análogos de desenvolvimento social e político. Esses povos tendem a aprofundar suas relações ao longo do tempo, o que poderia resultar em uma interação mais intensa, que excede o campo comercial e econômico e alcança um intercâmbio espiritual e literário.

As literaturas de países vizinhos carregam, assim, a marca de um intercâmbio que não se limita ao plano estritamente literário, mas permeia esferas culturais, econômicas e religiosas, forjado por um passado colonial compartilhado e por movimentos contemporâneos

⁴ O conceito de “esfera pública” é associado a Jürgen Habermas, todavia, entendo que José Veríssimo antecipou, em sua análise concreta, a percepção da importância dessas instituições para a vida intelectual de uma nação. Por esse motivo, utilizei a expressão esfera pública letrada para incorporar a descrição que ele fez de um ambiente institucionalizado de produção e circulação de ideias por meio da imprensa e de revistas especializadas.

convergentes. A literatura se apresenta como forma de união entre pensamento e sentimento, estabelecendo relações de reciprocidade entre nações próximas.

O crítico, porém, insiste no valor dessas produções como expressão estética e sentimental de povos com origens e passados carregados de símbolos, histórias e contextos sociopolíticos semelhantes. Seu interesse em conhecê-las vincula-se ao projeto de construir uma comunhão espiritual continental. Ainda que identifique dependência em relação às influências europeias, especialmente da literatura francesa, entende que as letras latino-americanas possuem força para desenvolver autonomia e identidade, representando sua paisagem e realidade cultural.

3.3. Como deve ser a literatura latino-americana?

O texto de Veríssimo revela uma análise que considera, simultaneamente, a construção e o potencial das literaturas latino-americanas. Destaca a importância do reconhecimento de uma identidade própria e da autonomia artística do continente. Nesse sentido, enfatiza a leitura direta das obras e critica a superficialidade de um conhecimento baseado apenas em nomes ou referências.

A evolução dessas literaturas passa por influências europeias, sobretudo do romantismo, do simbolismo e do realismo, que funcionam como etapas de desenvolvimento. Veríssimo ressalta também a importância do intercâmbio cultural e da valorização de elementos regionais, defendendo uma literatura que seja universal em alcance, mas carregue as especificidades e o sentimento de sua terra.

Ele avalia criticamente o excesso de modelos estrangeiros e a imitação, sustentando que a verdadeira autonomia surgiria da incorporação consciente de temas e experiências latino-americanos, sem romper com uma relação crítica com as influências europeias. Valoriza uma leitura madura e crítica das obras literárias, reconhecendo o potencial de uma literatura capaz de gerar identidade cultural sólida e de promover comunicação profunda entre os povos do continente.

Seu pensamento se organiza como trajetória evolutiva em que as literaturas latino-americanas trilham um caminho em direção à autonomia, ao amadurecimento e ao reconhecimento mundial, orientadas por compreensão crítica de suas raízes e influências. Nesse sentido, a construção literária deve respeitar suas origens, evitar a imitação superficial e configurar uma expressão autêntica da “alma” latino-americana, contribuindo para maior unidade cultural e entendimento entre os povos da região.

Assim, ao avaliar a formação literária do continente, estrutura sua análise em torno da tensão entre modernização por influência externa e a conquista de autonomia expressiva. Sua concepção histórica da literatura entende as fases de imitação (colonial, romântica) como etapas necessárias, embora insuficientes, de um processo de maturação. O valor atribuído ao simbolismo e ao decadentismo europeus é sintomático: tais correntes são vistas como agentes catalisadores capazes de “sacudir” as letras locais, introduzindo novas sensibilidades e um “perfeccionismo estilístico” que rompe com modelos anteriores.

Essa abertura ao externo, contudo, é qualificada por critérios rigorosos. A “influência excessiva” e a “passividade” são condenadas como formas de “anexação intelectual” que perpetuam a condição periférica. Desse duplo movimento surge o ideal de uma literatura simultaneamente universal e local. O repúdio ao “nacionalismo restritivo” e a defesa de uma literatura que exprima “temperamentos e experiências universais” revelam um projeto cosmopolita que, porém, precisa ser enraizado em temas e modos regionais.

A “alma da América Latina” aparece como elemento diferenciador que deve impregnar as formas e influências recebidas, transformando-as em algo novo e autêntico. Nesse ponto, a crítica a Manuel Ugarte torna-se significativa: o “regionalismo inteligente” defendido por Ugarte é valorizado, mas a adesão que Veríssimo vê como acrítica ao modernismo simbolista é considerada um desvio. A verdadeira autonomia, para ele, não está na mera atualização estética segundo modelos europeus de vanguarda, mas na filtragem dessas propostas por uma consciência crítica local, voltada à construção de uma “literatura sólida”.

Ao mesmo tempo, “A regeneração da América Latina” torna visíveis as contradições do projeto verissimiano. A defesa de um “nacionalismo universal” busca superar tanto o isolamento nativista quanto a imitação de modelos estrangeiros, propondo uma terceira via em que a afirmação da especificidade local se dá por meio de diálogo qualificado com a cultura universal. Essa concepção pressupõe uma identidade cultural em constante construção e negociação, não uma essência fixa.

A ênfase na “estirpe ibérica” e na “classe dos intelectuais” como portadoras da cultura legítima produz exclusão simbólica significativa, minimizando o papel de populações mestiças e indígenas. Ao considerá-las periféricas ao processo de “regeneração” cultural, Veríssimo reproduz um viés eurocêntrico e hierarquizante. A defesa da diversidade étnica permanece restrita a um quadro em que contribuições culturais são hierarquizadas, e a mestiçagem e as culturas autóctones são vistas mais como entraves do que como bases dinâmicas de originalidade.

Assim, a concepção de literatura e identidade latino-americana apresenta uma tensão não resolvida: por um lado, Veríssimo antecipa a necessidade de um cânone que reflita a “complexidade do continente”; por outro, os critérios para essa expressão própria são filtrados por um ideal de cultura letrada associado a uma elite de origem europeia. O projeto de “nacionalismo universal”, embora avance ao recusar posições extremas, não se mostra plenamente inclusivo e restringe as vozes consideradas aptas ao diálogo em pé de igualdade com a cultura universal.

3.4. Letras argentinas: critérios de avaliação e modelo relativo de sucesso

A reflexão sobre “Letras Argentinas” explicita os critérios de Veríssimo para avaliar a formação das literaturas latino-americanas em diálogo com modelos estrangeiros, destacando aspectos positivos e negativos. Na leitura desse ensaio, observa-se que, para o crítico, a literatura latino-americana, apesar de suas falhas e limitações, encontra-se em constante construção, marcada por um diálogo contínuo com influências externas e pela busca de uma identidade singular.

Veríssimo valoriza obras que conseguem retratar com sinceridade a realidade local e critica a imitação servil e a falta de profundidade. Defende um caminho crítico que combine originalidade, qualidade estilística e reflexão social. “Letras argentinas” funciona, assim, como estudo de caso, em que os princípios críticos do autor são aplicados para medir o grau de maturidade e autenticidade de uma literatura em processo de afirmação.

Sua perspectiva é sociológica e institucional, por isso, ele não se restringe à análise interna dos textos, mas examina a infraestrutura cultural que os sustenta. A valorização do aumento de livros publicados, da vitalidade do jornalismo e das revistas como espaços de formação e difusão, bem como da presença de homens de Estado e intelectuais no campo literário, indica que Veríssimo compreende a literatura como sistema cujo vigor depende de base material e reconhecimento social ampliado.

O critério da representação local e qualidade universal permanece. Por isso, a literatura argentina é elogiada por sua diversidade de gêneros e por produzir escritores de renome internacional, indicadores de maturidade que, para ele, a afastam da “imitação servil” e da “superficialidade” que ainda atribui a outras literaturas do continente. Assim, o vínculo entre “realidade social e política” e “qualidade estilística e profundidade psicológica” é fundamental para que a construção da autenticidade não se reduza ao nativismo temático, mas

para que construir a sofisticação formal e densidade humana que elevem o local ao patamar do universal.

O caso argentino surge, assim, como modelo relativo de sucesso dentro do quadro evolutivo de Veríssimo. Nele, identifica-se um movimento de superação de fases iniciais de instabilidade e imitação, em direção a uma consolidação que equilibra influência estrangeira e expressão própria. Contudo, esse modelo é avaliado a partir de padrões que refletem hierarquias de seu tempo, como a valorização da figura do intelectual ou do homem de Estado e a ideia de “renome internacional” como validação suprema.

3.5. Letras venezuelanas: entre influência e autenticidade

A análise do ensaio “Letras Venezuelanas” e das obras de Rufino Blanco Fombona e Angel César Rivas em *Homens e Coisas Estrangeiras* aprofunda a reflexão sobre a formação das literaturas latino-americanas, agora em contexto venezuelano. Veríssimo observa que a literatura da Venezuela, assim como outras do continente, nasce como “flor de transplantação”, marcada pela influência europeia e pelo processo de aclimação a um novo solo.

Ele reconhece que, embora dependente de modelos exóticos em sua origem, a literatura local possui potencial para desenvolver autonomia e identidade próprias, à medida que o tempo e a cultura se consolidam. A obra de Rufino Blanco Fombona é tomada como exemplo de expressão literária madura, que retrata, com sinceridade e elaboração artística, a sociedade venezuelana, seus tipos e suas contradições. Angel César Rivas, por sua vez, é valorizado por um estilo claro e adequado ao tema histórico, compondo personagens e situações que ultrapassam a mera crônica.

Veríssimo defende uma literatura latino-americana que afirme sua autenticidade ao mesmo tempo que mantém o diálogo com as literaturas estrangeiras sem perder a identidade local. A literatura venezuelana, nesse sentido, constrói-se em diálogo constante entre influências externas e a busca de uma expressão própria.

A literatura latino-americana é vista como espaço de possível união entre os povos do continente, promovendo comunhão de sentimentos e pensamentos para além de fronteiras nacionais. Ainda que Veríssimo reconheça limitações, dependência de modelos exóticos, imaturidade de certas expressões, sustenta que, com o tempo e o aprofundamento cultural, as letras latino-americanas podem alcançar maturidade, originalidade e relevância mundial, tornando-se instrumentos de unidade e expressão continental.

A análise do quadro referente a “Letras Venezuelanas” consolida a compreensão do modelo crítico de Veríssimo e de sua visão evolutiva e dialética sobre a formação das literaturas nacionais na América Latina. Seu exame do caso venezuelano focaliza os mecanismos pelos quais as influências externas são processadas em direção a uma expressão cultural independente. Veríssimo parte de pressuposto histórico-sociológico, estabelecendo correlação direta entre produção literária e contexto nacional.

Ao atribuir à literatura venezuelana a função de “espelho das transformações sociais, políticas e culturais”, especialmente em períodos de instabilidade, insere-a em quadro de determinação recíproca: a literatura é moldada pela realidade nacional e, ao mesmo tempo, a interpreta e a constrói simbolicamente. O critério de fidelidade representativa torna-se parâmetro central para avaliar a maturidade de uma literatura.

A valoração positiva de autores como Rufino Blanco Fombona, por sua “crítica social aguda” e personagens bem caracterizados, e de Angel César Rivas, por um estilo claro e adequado ao tema histórico, revela o ideal de uma literatura engajada com a realidade imediata e disciplinada em sua forma, capaz de superar a mera crônica por meio do refinamento estético.

É nessa intersecção que sua crítica à “imitação excessiva” ganha contornos mais nítidos. Veríssimo reconhece romantismo, naturalismo e simbolismo como matrizes formativas inevitáveis e até necessárias, compreendendo a literatura como “processo de evolução”. No entanto, diagnostica que a mera transposição desses modelos, sem mediação de experiência local autêntica, produz obras desenraizadas, cujos personagens tendem a se tornar caricaturas de traços psicológicos pouco aprofundados.

A verdadeira “assimilação crítica” implica transformar formas estrangeiras em instrumentos para narrar substâncias locais, convertendo influência em meio, não em fim. A dependência de temas e estilos estrangeiros é vista como sinal de autonomia incompleta, de uma literatura ainda em estado de menoridade colonial.

Desse modo, o caso venezuelano ilustra que a “identidade continental” não é tomada como dado pré-existente, mas como projeto a ser construído por meio do diálogo com o universal, representado pelas escolas estéticas europeias, e o reconhecimento do particular, ligado às especificidades sociais e históricas locais. O equilíbrio entre esses polos define o grau de maturidade de uma tradição literária.

A análise verissimiana ultrapassa o caso específico da Venezuela e se projeta como modelo interpretativo para toda a região, em que a busca por uma voz própria é processo contínuo de negociação, seleção e ressignificação cultural. A literatura latino-americana, nessa perspectiva, deve ser esteticamente moderna pela absorção crítica do externo, universal em sua

aspiração humana, regional em sua matéria sensível e coesa em sua função identitária continental.

4 CONCLUSÃO

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram demonstrar que José Veríssimo ocupa lugar central na constituição de uma crítica literária brasileira preocupada com a articulação entre literatura, cultura e formação nacional. A contextualização de sua atuação no cenário intelectual do final do século XIX e início do XX evidenciou que sua produção se insere em um momento de reorganização do campo literário, atravessado por tensões entre modelos europeus herdados e demandas de modernização cultural. Nesse contexto, Veríssimo assumiu a crítica como prática sistemática de intervenção, atribuindo-lhe a função de hierarquizar produções, delimitar critérios estéticos e refletir sobre o sentido da literatura em uma sociedade em processo de construção de sua vida letrada, em sintonia com a perspectiva de “sistema literário” formulada por Candido (2000). A partir dessa inserção, sua atuação no jornalismo, na educação e na historiografia literária reforça o entendimento de que sua obra não se restringe à apreciação de textos isolados, mas se orienta por um projeto mais amplo de formação de um público leitor e de consolidação de um campo intelectual capaz de pensar criticamente a cultura brasileira.

A leitura de *Homens e Coisas Estrangeiras* confirmou a centralidade dessa obra no interior do projeto crítico verissimiano, tal como já assinalara João Alexandre Barbosa em sua apresentação à reedição de 2003. Ao examinar ensaios como “Letras Hispano-americanas”, “Letras argentinas”, “Letras venezuelanas”, “Um americano e a literatura americana”, “A regeneração da América Latina” e “A vida literária nos Estados Unidos”, foi possível identificar um conjunto coerente de preocupações voltadas à formação de uma literatura latino-americana em diálogo com modelos estrangeiros. Verificou-se que Veríssimo formula uma concepção de literatura vinculada à identidade nacional, entendendo-a como “definição espontânea da gente que a fez” (Veríssimo, 2003), e atribuindo-lhe a função de expressar experiências coletivas, tensões históricas e conflitos sociais. Ao mesmo tempo, sua crítica reconhece o papel das influências europeias e norte-americanas como fatores de modernização, mas insiste na necessidade de que tais influxos sejam submetidos a um processo de assimilação crítica, evitando a imitação servil e a “anexação intelectual” que manteria as literaturas do continente em posição de menoridade.

O exame dos ensaios dedicados às literaturas hispano-americanas permitiu ainda identificar os critérios de avaliação mobilizados por Veríssimo para discutir a formação de uma literatura latino-americana: a fidelidade representativa às realidades locais, a articulação entre forma e conteúdo, a capacidade de transformar influências externas em instrumento para narrar

experiências próprias, a existência de uma infraestrutura cultural (imprensa, editoras, revistas, opinião pública) e o diálogo entre particular e universal.

Ao destacar a predominância dos circuitos europeus, em especial franceses, na difusão de autores norte-americanos e latino-americanos, Veríssimo revela a complexidade de um sistema cultural hierarquizado, no qual a Europa ainda funciona como instância mediadora e legitimadora do valor literário.

Contudo, a investigação evidenciou também os limites históricos e ideológicos desse projeto, marcados pela ênfase na “estirpe ibérica” e na centralidade de uma elite letrada, bem como pela subalternização de populações indígenas e mestiças, o que revela a permanência de um viés eurocêntrico e hierarquizante. Essa tensão interna faz com que a concepção de literatura e identidade latino-americana elaborada por Veríssimo seja, simultaneamente, inovadora em sua tentativa de pensar o continente como unidade cultural e restritiva em sua definição de quais sujeitos e tradições são legitimados na construção dessa unidade.

À luz desses elementos, a pesquisa permitiu atingir os objetivos propostos. O pensamento de José Veríssimo foi contextualizado no cenário intelectual brasileiro da virada do século XIX para o XX, evidenciando seu papel como crítico literário, ensaísta e historiador da literatura em um momento de consolidação do campo literário nacional. Foi possível identificar como *Homens e Coisas Estrangeiras* constrói uma leitura das literaturas latino-americanas comparativa, problematizando o lugar do Brasil e do continente no sistema internacional de consagração. Foram sistematizados os critérios de avaliação empregados por Veríssimo na discussão sobre a formação de uma literatura nacional em diálogo com modelos estrangeiros, bem como examinadas suas percepções e críticas acerca das influências externas nas literaturas latino-americanas.

Em conjunto, esses resultados indicam que a obra de Veríssimo constitui um marco na reflexão sobre autonomia cultural, circulação literária e identidade na América Latina, oferecendo um quadro teórico que, embora atravessado por contradições, permanece relevante para a compreensão dos dilemas da modernidade periférica e para os debates contemporâneos sobre centro e periferia, cânone e marginalidade, na história literária do continente.

5 REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000.

CARVALHO, Márcio Roberto de. **José Veríssimo e a crítica literária brasileira**. São Paulo: Edusp, 2015.

CASANOVA, Pascale. **A República Mundial das Letras**. Tradução de Maria Ângela Villela. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MOTTA, Arthur. “José Veríssimo”. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, 1930.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

VERÍSSIMO, José. A regeneração da América Latina. In: SILVA, João (Org.). **Ensaaios sobre crítica literária no Brasil**. São Paulo: Editora X, 2010. p. 100-120

VERÍSSIMO, José. **Homens e coisas estrangeiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

VIANA, Sandro Fabres. José Veríssimo: tendências e tensões na escrita da história da literatura brasileira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, 19, 2005, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: Núcleo de Informação e Documentação - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005. v. 1, p. 1-99.